

# **Erich Fromm**

## **Meu encontro com Marx e Freud**

*(“Beyond the chains of illusion: My encounter with Marx and Freud [ publicado em 1962 por Simon and Schuster, Nova York). (Edição brasileira 1979 – Zahar Editores, Rio de Janeiro). (Marx: 5/5/1818 – 14-3-1883)*

Cap.III– O conceito do homem e sua natureza  
A uniformidade biológica significaria uniformidade de condição?

Poderia ser afirmada uma “essência” (ou invariável) humana sem cair no reducionismo organicista?

As tradições budista e judaico-cristã, por vias diferentes, sustentam a idéia de “essência”.

A discussão sobre a existência (ou não) de uma natureza humana opõe novamente os defensores do par

epistemológico inato/adquirido e é interessante notar que a psicanálise seguirá a tradição religioso-filosófica, mais do que a linha de abordagem das ciências humanas, orientadas pela perspectiva histórica e ligadas à concepção do papel determinante da cultura sobre o ser humano.

As ciências humanas criticam as concepções filosófico-religiosas que suporiam a existência de uma "essência" humana, implicando pré-determinação e ausência da possibilidade de transformação.

Baruch (Bento) Spinoza (1632/1677), argumenta que, sob as mais diversas manifestações culturais e transformações sociais, o ser humano é uno e pode ser descrito mediante as mesmas concepções.

Já a sociologia e a psicologia (ou determinadas correntes da psicologia) enfatizam (a primeira) ou pelo menos concedem um certo papel (no caso da segunda) à cultura.

Certamente as velozes alterações provocadas pelo avanço da tecnologia e seu efeito sobre o comportamento social e individual parecem explicar a razão da notável importância concedida ao fator cultural.

Em Marx encontra-se uma abordagem singular: ele parece admitir que o ser humano seja caracterizado por uma “essência”, mas esta é descrita através do conceito de auto-transformação através da história.

A transformação, na ótica marxista, é social, gerada por sua vez pelo trabalho (pelo papel ativo da espécie humana em relação à natureza), diferenciando assim a história humana da história natural (ou seja, a evolução das espécies, para adotar a célebre expressão darwiniana). Marx rejeitou tanto o relativismo como o essencialismo, mas não conseguiu elaborar sua concepção a ponto de escapar de um e outro.

A discussão sobre o advento do comunismo (inevitável ou não?; fruto da ação consciente da classe trabalhadora ou consequência direta da crise econômica inerente ao capitalismo?) seria um exemplo.

Em Marx encontram-se análises e conceitos relacionados à importância da tecnologia ("modo de produção"), assim como um talvez surpreendente elogio à burguesia, por ter elevado a capacidade produtiva a níveis inéditos (ainda que em nome da finalidade lucrativa), a meta de libertar o ser humano do "reino da necessidade", e a definição de alienação no trabalho como um tipo de patologia (social), visto amputar a criatividade na esfera da produção.

Há na obra de Marx o reconhecimento de um grau de liberdade ('consciência de classe', significando possibilidade de lutar contra a alienação e mudar a sociedade ['relações de produção']).

Já em relação a Freud, a descrição de Fromm está longe de escapar a questionamentos. Um parágrafo particularmente revelador acerca da concepção biologizante de Fromm em relação à psicanálise freudiana é típico da abordagem característica da psicanálise culturalista. Referindo-se a Freud, Fromm escreve: *“O homem é concebido como uma máquina impulsionada por uma energia sexual chamada libido, relativamente constante. ...(que) provoca tensão penosa, somente reduzida pelo ato de libertação, a que Freud deu o nome de prazer...”*

É inevitável constatar que Fromm parece a anos-luz de compreender a teoria da constituição do sujeito, bem como a segunda teoria das pulsões (Eros x Thânatos) e, correspondentemente, a segunda teoria dos princípios (princípio do prazer x princípio do nirvana).

Em Freud, percebe-se a idéia da impossibilidade de eliminar o conflito (psíquico), enquanto em Marx é

previsível a construção de uma sociedade não dividida em classes, que eliminaria o conflito social.

#### A evolução humana (Cap. IV).

Outra afirmação bastante discutível de Fromm refere-se a seus comentários sobre Totem e Tabu (1913), livro em que Freud, através do famoso mito (algo que ele mesmo admitia) sobre a horda primitiva, descreve a emergência do desejo (transformação da necessidade em desejo sexual) e o correspondente estabelecimento da lei (através da regulamentação da sexualidade, via proibição do casamento endogâmico). Assim, nunca teria acontecido a liberdade sexual (as sociedades ditas 'primitivas' conheceriam a regulamentação da vida social, sob todos os aspectos, tanto quanto as sociedades históricas).

A descrição que Fromm nos dá do conceito de sublimação também é bastante questionável.

Há semelhanças entre as obras de Marx e Freud que Fromm parece não ter percebido.

A alienação, segundo Freud, consistiria no recalque do prazer (ou do desejo, em geral, mas não especificamente no sentido sexual).

O conflito interno, em Freud, assemelha-se de certa forma à leitura marxista acerca da estrutura sócio-econômica. E também é à consciência que ele confere o papel da libertação, no caso da terapia.

Em Marx, certamente, a preocupação não é o indivíduo mas o desenvolvimento histórico. O desenvolvimento do modo de produção afeta as relações de produção.

No âmbito do processo histórico (conflito de classes) ocorreria a evolução psíquica do ser humano.

A dependência do ser humano em relação à natureza, da qual se emancipa, não deixa de constituir uma metáfora da relação função materna (campo desejante)/bebê (infans).

A submissão inicial à natureza é seguida pela submissão às relações de produção que libertaram o ser humano da sujeição à natureza, mas criaram a divisão de classes, e, por essa via, a injustiça social.

A superação da sociedade de classes é consubstanciada por Marx mediante uma frase bastante conhecida: “De cada um de acordo com suas possibilidades a cada um de acordo com as suas necessidades”.

O relativo pessimismo de Freud (em relação às possibilidades de felicidade do indivíduo bem como no que se refere ao futuro da sociedade, enquanto situação em aberto, imprevisível) contrastam certamente com o otimismo de Marx (o comunismo como ápice da evolução social).



Inerente à posição marxista é a suposição de que a felicidade individual depende do bem estar coletivo. (Marx não a desenvolveu, mas o que poderia ser chamado de concepção psicológica orientada pelo marxismo adota essa abordagem).

## Cap. V - A motivação humana

Fromm questiona a idéia de que o materialismo de Marx seja definido pelo consumismo, mas atribui à psicanálise a tese de que a 'satisfação' do apetite sexual constitui a principal motivação do ser humano. (Aliás, a noção de satisfação sexual conforme elaborada por Fromm é bastante precária, pois fundada na biologia. Difere bastante da concepção freudiana).

*"Condições econômicas diferentes podem provocar motivações psicológicas diferentes".* (Poder-se-ia citar o exemplo de atitudes econômicas diferentes inerentes a tipos diferentes de capitalismo. O capitalismo incipiente e sua preocupação

com o trabalho e crítica ao prazer difere fundamentalmente do estágio atual, em que o consumismo é essencial à manutenção do sistema econômico).

Mas Fromm parece confundir as noções de comportamentos e motivação. Pode-se dizer que determinados tipos de economia "ativam" determinadas características humanas, sem que isso signifique que o oposto não exista. O "calvinismo" não significa que a tendência ao "consumismo" não exista; apenas, nas condições econômicas do século XVI, ele se apresenta mediante os mitos de "bem-aventurança" após a morte, restrita aos virtuosos, que gozarão de um paraíso onde nada faltará.

Fromm assinala que para Marx a finalidade da transformação social está relacionada à busca da realização plena do ser humano, que se apoiaria na base do preenchimento das suas necessidades materiais mas não se restringiria a isso.

Em Freud não encontraríamos o similar em termos do “preenchimento” das “necessidades” sexuais (afetivas). O conceito de desejo, em Freud, tem por implicação a inexistência de um objeto que possa preenche-lo. Por outro lado, a última conceituação de “sublimação” define a falta (o desejo) como motor da criatividade, embora nos conflitos neurótico/perversos seja a causa do conflito.

Em uma vertente marxista contemporânea (Louis Althusser – 1918/1990), encontra-se uma idéia semelhante: uma sociedade comunista, ainda que houvesse superado a divisão de classes, mesmo assim conheceria o conflito.

<http://www.franklingoldgrub.com>